



Psicologia para Ativistas da Paz

por **David Adams**

pág. 1/6

* **A íntegra, em inglês, encontra-se no endereço: www.culture-of-peace.info/ppa**

Introdução

Acredito que a história é feita por pessoas como você e eu. Isso significa que "a paz está em nossas mãos" - o slogan do Anso Internacional da Cultura de Paz (2001). Para saber como isso é possível, fiz o estudo que apresento aqui, e que examina a vida de grandes ativistas da paz, baseado principalmente em suas próprias autobiografias. Sendo americano, decidi estudar a vida de pacifistas da história americana. Depois expandi meu estudo incluindo a vida de Nelson Mandela na África do Sul.

Disso tudo concluo que, embora a tarefa seja difícil, é também possível, e temos muito a aprender com aqueles que vieram antes de nós. As vezes atribuo a este pequeno livro o subtítulo de "Uma nova psicologia para a geração que poderá abolir a guerra".

Capítulo 3

Aquisição de Valores e Propósito versus Alienação

O desenvolvimento da consciência dos grandes ativistas de paz começa, como em todos nós, como um reflexo dos valores da sociedade que são aprendidos por imitação e pela instrução formal. Através desse processo terminamos por ver o propósito de nossas vidas em termos do que podemos contribuir para a sociedade e para a história do ser humano. Pode-se dizer que esta consciência é o que liga os processos psicológicos e fisiológicos de nossa vida individual aos processos políticos e econômicos da história.

A aquisição de valores e propósitos não é um processo passivo, mas ativo, no qual a pessoa em crescimento busca, apreende e integra valores sociais, moldando-os para que se transformem em um sentido pessoal de destino e propósito. Escrevendo sobre seu marido, Coretta Scott King descreve o processo como o desenrolar de uma peça teatral:

Embora eu tivesse sido contra mudar para Montgomery, percebo agora que era uma parte inevitável do plano maior para nós e vidas. Ainda em 1954 já sentia que meu marido estava sendo preparado - e também eu - para um papel especial sobre o qual saberíamos mais depois. Cada experiência nos preparava para a próxima. Nossa estada em Montgomery foi como o desenrolar de uma peça. Martin, eu e o povo da daquela cidadezinha sulina éramos como atores numa peça cujo final ainda não havíamos lido. Mas sentíamos uma sensação de destino, de estar sendo direcionados numa dada direção positiva.

A aquisição de valores e propósito é um processo social. Ele acontece dentro de um contexto social, normalmente começando na família. Os valores de Martin Luther King Jr. que se integraram a seu propósito de vida vieram literalmente do colo de sua mãe. King escreveu que sua mãe lhe contava sobre a escravidão, sobre a Guerra Civil, o estabelecimento da segregação, e disse a ele "as palavras que quase todo negro ouve antes de conseguir entender a injustiça que as torna necessárias: Você tem tanto valor como os outros". A família de Sandy Pollack era engajada politicamente, e seus pais "tentaram trazer alguma consciência política para dentro de sua vida" fundando um clube de ação social para adolescentes onde "as crianças discutiam temas apresentados por palestrantes uma vez ao mês ... e cantavam músicas folclóricas". Também a iniciação de Eugene Debs na "Fraternidade dos Foguistas" foi o coroamento da dedicação apaixonada de seu pai aos ideais da Revolução Francesa: Liberdade, Igualdade, Fraternidade. Dali em diante foi "o espírito da classe trabalhadora" o que lhe imprimiu comprometimento:

Levei as locomotivas por sobre montanhas e planícies, dormia nos vagões de serviço, e me alimentava de seus baldes servido pelas pás enegrecidas que alimentam as fomalhas, que até hoje são caras ao meu coração, e continuarão sendo até que tudo esteja frio e imóvel. Durante todos esses anos bebi na Fonte Proletária. Sorvi profundamente suas águas, e todas as partículas de minha carne se saturaram do espírito da classe trabalhadora.

A questão do sentido de propósito familiar poderá voltar mais tarde na vida, como o comprometimento renovado que surge quando nasce uma criança. Dorothy Day, por exemplo, emergiu de sua "longa solidão" de alienação quando sua filha Tamar nasceu. Colocando sua busca de sentido em termos religiosos, ela escreveu: "Houve o esforço físico, o combate quase mortal do trabalho de parto, e agora havia a luta pela minha própria alma". Helen Caldicott relata que com o nascimento de sua primeira filha ela percebeu que "sená capaz de morrer para salvar a vida de meus filhos. Nesse momento aceitei a responsabilidade pessoal de impedir a corrida armamentista".

A religião freqüentemente amplia e expressa os valores e sentido de propósito da família. Para A. J. Muste a igreja "era o centro da vida social e cultural, e também de culto e treinamento religioso" da família durante sua infância. Mais tarde, ordenado ministro, e diante da crise da Primeira Guerra Mundial, Muste viu que "era um problema do qual não podia me evadir" que seu estudo que apresento aqui, e que examina a vida de grandes ativistas da paz, baseado principalmente em suas próprias autobiografias. Sendo americano, decidi estudar a vida de pacifistas da história americana. Depois expandi meu estudo incluindo a vida de Nelson Mandela na África do Sul.

No centro da não-violência se ergue o princípio do amor (...). Quando falamos de amar aqueles que se opõem a nós, (...) falamos de amor que é (...) compreensão, redimir a boa vontade para todos os homens (...), um reconhecimento do fato de que toda a vida está inter-relacionada. Toda a humanidade está envolvida num único processo, e todos os homens são irmãos.

A questão do propósito surge especialmente quando os jovens saem de casa, como quando vão estudar em outra cidade. Incentivados pela influência "de expansão" da educação universitária eles poderão inspirar uns aos outros a buscar e adotar um propósito social. W. E. B. Du Bois, da geração de estudantes Negros que conquistou sua educação após a emancipação dos escravos, partilhou a visão de seus colegas graduados num "programa para a liberdade e progresso entre os negros". "Substituí meu mundo até então egocêntrico por um mundo centrado e girando em torno da minha raça na América". Jane Addams, da geração das primeiras mulheres a ter educação superior, partilhava o entusiasmo de suas colegas por seus "preciosos ideais (...), caminho de martírio e altos propósitos que escolhêramos para nós mesmas".

O sentido de propósito adquirido por Bertrand Russell na universidade foi mais individualista mas não menos exigente e idealista: "Eu passeava pelo Tiergarten e fazia planos para o trabalho futuro (...): uma série de livros sobre a filosofia das ciências, (...) outra série sobre questões sociais". Foi a obra de uma vida que ele jamais abandonou. A leitura e o estudo permitem que se adote valores encontrados em toda a gama da experiência humana. Para Dorothy Day era uma maneira de encontrar propósito para a vida. Já aos 15 anos de idade era ávida leitora de Carl Sandburg, Jack London e Upton Sinclair:

"Embora meu único conhecimento sobre os destituídos viesse dos livros (...). [Eles] me fizeram sentir que dali em diante minha vida estava ligada à deles, seus interesses seriam os meus: eu havia recebido um chamado, uma vocação, uma direção para minha vida".

Uma autobiografia após a outra nos mostra de forma gritante a paixão com que os grandes pacifistas liam e estudavam buscando ativamente adquirir valores, verdade, e propósito.

Os ativistas de hoje são o modelo para os ativistas de amanhã. Assim a vida de Eugene Victor Debs foi uma inspiração para A. J. Muste e Dorothy Day. Jane Addams foi inspiração para Emily Greene Balch. Bertrand Russell foi inspiração para Balch e Helen Caldicott. W. E. B. Du Bois foi inspiração para Martin Luther King Jr. Mesmo que este livro não sirva para mais nada, deverá ajudar a fornecer modelos para as futuras gerações de ativistas. Nem todos têm a oportunidade de desenvolver um propósito para a vida enquanto crescem □ e em vez disso talvez não simplesmente "suar a camisa pela firma". A seguir temos a descrição feita por um pacifista que relembra sua vida antes de envolver-se no movimento. Ela parece a clássica descrição da alienação do assalariado:

Eu vivia numa cidadezinha onde nunca havia muita discussão sobre questões sociais (...). Logo me casei e tratei de formar uma família, e isso nos consome quase que totalmente. Trabalhei duro por algum tempo e simplesmente deixava o mundo se virar sozinho. Isso durou uns 12 anos, até que a ferrovia falu (...). Caso contrário, eu provavelmente teria ficado ali o resto da vida.

Não só o sentido de propósito está arriscado a perder o sentido de propósito e tornar-se alienado. Depois de ser formado, Jane Addams sentiu-se "desconectada" e "desiludida", e descreve como chegou ao fundo do poço "da depressão e sentido de inadequação". Mais tarde escreveu com grande perspicácia sobre a alienação dos jovens com educação superior que "sentem uma letal falta de harmonia entre sua teoria e suas vidas, uma falta de coordenação entre pensamento e ação". Descreve como alguns se tornam estudantes perpétuos e "ficam soterrados sob a sobrecarga mental, com baixa vitalidade e infelizes". Sua história tem ecos nas autobiografias de Bertrand Russell e Dorothy Day, inclusive no título da autobiografia desta: A Longa Solidão. Jane Addams sugeriu envolvimento no movimento da Settlement House (Casa Assentamento) como resposta à alienação, mas poderia igualmente ter sugerido envolvimento no movimento pacifista para uma geração posterior.

Assim como o sentido de propósito é adquirido no contexto social, ele também pode ser perdido deixando lugar para a instalação da alienação quando uma pessoa se isola socialmente. Du Bois, tendo deixado os Estados Unidos (e seus amigos negros) para viajar pela Europa, escreveu em seu diário: "O que será que sou? O que será que o mundo é? Será que a vida vale a pena?". Dorothy Day, aprisionada e isolada em virtude de sua atuação numa manifestação pelo sufrágio feminino, lembra como perdeu "toda a consciência da minha causa. Não tinha qualquer idéia de ser radical, de protestar contra o governo, realizar uma revolução não-violenta. Só sentia escuridão e isolamento (...), perdi toda a noção de minha própria identidade (...), do bem e do mal". Mesmo Martin Luther King Jr. foi profundamente afetado pela prisão e confinamento solitário. "Aqueles horas foram as mais longas, frustrantes e confusas de minha vida".

A reafirmação do contexto social pode renovar o sentido de propósito e dissipar o desespero e alienação. Quando King foi libertado, sua fé na luta voltou pela saudação que recebeu:

Quando saí pelo portão da frente e vi o grupo de amigos e simpatizantes, recobrei a coragem que havia temporariamente perdido. Soube que não estava sozinho (...). Daquela noite em diante meu compromisso com a luta pela liberdade foi mais forte do que jamais fora.

A aquisição de valores e propósitos é apenas o início do desenvolvimento da consciência. O desenvolvimento ulterior depende não só de idéias, mas deve chegar também através da prática, que é o assunto do restante deste livro. Mas a prática em prol da justiça e da paz numa sociedade dominada pelo militarismo e por ganhos materiais não é fácil. Exige coragem e motivação, e a chave para estas é uma emoção a que chamamos raiva.

Capítulo 4

Raiva versus Medo e Pessimismo

Em uma autobiografia após a outra se lê a mesma história: a ação inicial pela paz e justiça é motivada pela raiva contra a injustiça. Como a fagulha que inflama o combustível de um motor, a raiva é o estímulo que inicia a ações.

A raiva transformou W. E. B. Du Bois de acadêmico brilhante porém ineficaz num mundo de exploração e racismo, em poderoso ativista pelos direitos civis:

Justamente na época em que meus estudos vinham sendo mais bem-sucedidos, um raio vermelho, impossível de ignorar, cortou meus planos como cientista. Lembro-me de sentir um tremendo sobressalto (...) quando chegou a notícia de que Sam Hose fora linchado, e me disseram que seus dedos estavam em exibição no mercado (...). Comecei a me desviar de meu trabalho. (...) Não se pode ser um cientista calmo, frio, distante, quando Negros estão sendo linchados, assassinados e morrendo à mingua.

Um pouco mais adiante em sua autobiografia, Du Bois descreve como a raiva eventualmente o estimulou a agir fundando o Movimento Niagara, que mais tarde se tornou a Associação Nacional para o Desenvolvimento das Pessoas de Cor:

Mas quando Trotter foi aprisionado, minha indignação transbordou. Nem sempre concordara com ele, como não concordaria no futuro. Mas ele era um homem honesto, brilhante, altruista, e tratar como crime algo que era no máximo um erro de julgamento, era absurdo. Em junho de 1905 enviei de Atlanta um chamado a algumas pessoas selecionadas pedindo "determinação organizada e ação agressiva...".

Ao recordar suas atividades em favor da objeção consciente à Primeira Guerra Mundial, que deu início à sua longa carreira de ativista pela paz, Bertrand Russell explica como estava "cheio de uma ternura desesperada pelos jovens que eram chacinados, e de ódio pelos estadistas da Europa". Da mesma forma Helen Caldicott, que inspirou a geração seguinte com o exemplo de Bertrand Russell, deu seus primeiros passos no pacifismo quando "fiquei indignada".

Nem toda raiva é útil para desenvolver a consciência. A raiva que pode ser contida e usada para agir e desenvolver a consciência é a raiva dirigida contra as instituições da guerra e da injustiça, e não aquela dirigida contra indivíduos como tais. "Você não deve dar guarda à raiva" adverte a si mesmo Martin Luther King Jr. em certa altura de sua autobiografia, quando fala da raiva pessoal. Mas ao descrever a demanda crescente pela des-segregação dos ônibus em Montgomery, King deixa claro que a raiva é essencial como motor da ação, pois "abaixo da superfície havia se desenvolvido um fogo manso de descontentamento, alimentado pelas contínuas humilhações e iniquidades que os negros eram submetidos". Debs, ao ser libertado da prisão em 1895, onde ficou confinado que se sequisse termos: "nunca houve liberdade no mundo (...) pela manutenção da qual o homem não tenha tido que lutar". Ele fazia eco ao mote de Frederick Douglass, escravo americano que conquistou sua liberdade lutando, tendo-se tornado herói da emancipação uma geração antes: "Sem luta não pode haver progresso".

Se a raiva não for guiada por uma visão otimista e valores humanistas claros, ela poderá desviar-se para atividades desesperadas e anti-humanas. Os inimigos da paz e da justiça freqüentemente procuram explorar a raiva a fim de levar certos movimentos a tais gestos desesperados. "Mais cedo ou mais tarde a própria FBI tentou provocar a desviar a liderança de Martin Luther King Jr., muito embora não se saiba quem deu a ordem para bombardear sua casa em 1956. O bombardeio ameaçou transformar o movimento não-violento dos ônibus, que ele liderava, numa "revolta racial", que poderia ter-se transformado na "noite mais escura da história de Montgomery".

Fui imediatamente levado para casa. Ao nos aproximarmos da cena, vi centenas de pessoas com expressões furiosas em frente da casa (...). Um Negro dizia ao policial que tentava empurrá-lo para o lado: "Eu não vou sair daqui. Esse é o problema com vocês, vocês branco tá sempre empurrando a gente para um lado pro outro. E você tem seu 38, e eu tenho o meu, então vamo acertá as contos agora". Ao caminhar para a varanda percebi que muitas pessoas estavam armadas. A resistência não-violenta estava prestes a se transformar em violência.

King acalmou a multidão e colocou o ódio daquelas pessoas a serviço do trabalho pelo movimento, invocando valores cristãos e otimismo:

Jesus ainda clama em palavras que ecoam pelos séculos: "Ame seus inimigos; abençoe os que o amaldiçoam; ore por aqueles que o tratam com desprezo". Estes são os princípios que devem reger nossa vida. Devemos responder ao ódio com amor. Lembrem-se: se eu cair, este movimento não cairá, porque Deus está com o movimento. Vão para casa com essa fé viva, essa certeza diante.

Raiva não é a mesma coisa que violência. Embora o presidente Reagan tenha ordenado as ações mais violentas, incluindo a mais perigosa escalada militar da história mundial, aqueles que o conheceram dizem que ele era praticamente despo de emoções. Depois de o ter visitado, Helen Caldicott o descreveu como um homem sem empatia, "como uma fotografia de um cartaz". Inversamente, Gandhi, que foi o maior professor da não-violência, explica em sua autobiografia como aprendeu a resguardar sua raiva de embates menores e atrelá-la para depois "lutar batalhas maiores". Ao adotar os métodos não-violentos de Gandhi na luta pelos direitos civis nos EUA, Martin Luther King Jr. explicou:

A resistência não-violenta não é um método a ser usado por covardes; ela de fato resiste. Se usarmos esse método porque temos medo ou simplesmente por não termos os instrumentos da violência, não somos verdadeiramente não-violentos. Por isso Gandhi diz que se a covardia for a única alternativa à violência, é melhor lutar (...). Embora o praticante da não-violência não deva ser passivo no sentido de não ser fisicamente agressivo em relação ao oponente, sua mente e emoções estão sempre ativos, consistentemente procurando convencer o oponente de seu erro. O método é fisicamente passivo, mas espiritualmente muito ativo. Não se trata de não resistência passiva ao mal, mas de resistência não-violenta ativa ao mal.

Nos mecanismos dinâmicos do cérebro humano, raiva e medo são forças opostas? Esse fato foi reconhecido por Martin Luther King Jr., que observou que o medo pode suprimir a raiva, e que a raiva pode produzir a coragem que supera o medo:

O ressentimento longamente reprimido nos negros começou a se agitar. O medo e a apatia que há tanto tempo lançavam suas sombras sobre a vida da comunidade negra gradualmente se dissipavam diante de um novo espírito de coragem e respeito próprio.

É no campo de batalha da mente, com as armas do medo e da raiva, que muitas das lutas mais importantes são travadas entre as forças da paz e as forças do militarismo. No âmbito da política, o medo do "inimigo" é constantemente evocado pelo discurso governamental, e repetido pelos meios de comunicação de massa para justificar a corrida armamentista. No âmbito psicológico, o medo é usado para intimidar, assustar e desencorajar as pessoas a se afiliarem a movimentos em prol de mudanças sociais. Vimos como a tática do medo foi usada no bombardeio à casa de Luther King em Montgomery. Mas aquilo foi apenas uma parte de uma campanha bem articulada que quase teve sucesso:

Quase imediatamente após o início do protesto começamos a receber telefonemas e cartas ameaçadoras. No início esporadicamente, depois com mais freqüência. Em meados de janeiro eram 30 ou 40 por dia (...), e ao passar das semanas, comecei a perceber que muitas das ameaças eram sérias. Comecei a me sentir vacilante e cada vez mais amedrontado. Um dia um amigo branco me disse que ouvira de fonte segura que haviam sido feitos planos para tirar-me à vida.

Evidentemente, em 1968 tal ameaça concretizou-se e Luther King foi assassinado. Mas durante o intervalo de 13 anos ele superou o medo, transformou ressentimento em coragem, e levou a nação em direção à justiça e à paz.

Freqüentemente raiva e medo estão misturados. Jane Addams sugeriu seu primeiro envolvimento com o movimento pela justiça social com uma visão dos pobres em Londres, que a encheu de "desespero e ressentimento". Emily Balch teve a mesma reação ao observar um "homem roncando num barril de cinzas para encontrar algo de comer". Por nos a fio, havia visto a miséria e a fome e experiências "teríveis", "tão revoltantes que detestava a idéia de parecer estar de acordo" com o sistema capitalista; mas aquela visão foi de alguma forma definitiva, levando-a a denominar-se "socialista". Dorothy Day reagiu a seu encarceramento, após a manifestação pelo sufrágio feminino com tal mistura de medo e raiva que ficou totalmente exaurida pela experiência.

Tem havido tanta pressão social contra a expressão da raiva em nossa cultura que ela muitas vezes é reprimida ou não chega a ser reconhecida. Se a raiva for reprimida, o medo acaba sendo a emoção dominante. Os psicólogos descrevem muitas vezes que seus pacientes são incapazes de expressar raiva diante de uma injustiça, e em geral chamam sua emoção de "ansiedade". Tal repressão da raiva pode levar a pessoa a sentir-se desalinhada. Dorothy Day tornou-se nativa por muitos anos depois de experiência do cárcere, e embora não descreva como processo seu, descreve-o vividamente em seu marido, Foster:

Ele mesmo não havia estado na cadeia, mas seu ódio pelo sistema que encarcerava agitadores políticos o corria internamente. No entanto, ele não fazia coisa alguma senão fechar-se em uma concha, refugiar-se cuidando do jardim.

Se o medo levar a melhor, a raiva pode voltar-se para dentro e levar a comportamentos autodestrutivos. Quando A. J. Muste ficou enfurecido com a hipocrisia do apoio patriótico à Primeira Guerra Mundial, percebeu que estava "num ponto em que tinha que sentir que estava fazendo alguma coisa por Deus, pela humanidade, custasse o que custasse, senão enlouqueceria". Para nossa sorte, Muste não voltou sua raiva para dentro. Envolveu-se no movimento sindical e expressou sua raiva unindo-se aos trabalhadores em greve.

Se a raiva leva a melhor sobre o medo, os pensamentos podem acabar sendo dominados pelo pessimismo. É claro que algum pessimismo resulta da experiência prática. Como disse Helen Caldicott: "o jogo internacional de terror e pressões econômicas, a frustração de lidar com um governo tendencioso e uma burocracia inerte levam muitos americanos a sentir-se indefesos". Mas o pessimismo também assume a forma de pensamentos irracionais e mitos, como o mito de que a natureza humana é intrinsecamente má e belicosa 9.

Alienado da classe trabalhadora, em virtude do apoio desta classe à Primeira Guerra Mundial, Bertrand Russell caiu vítima do mito do instinto belicista e adotou uma visão pessimista da humanidade reduzida "à barbárie primitiva, num instante dando vazão aos instintos do ódio e da sede de sangue, contra os quais todo o tecido social foi urdido". Tolhido pelo que ele chamou de "cismo maior", Russell ficou incapaz de dar o próximo passo consciente porque "estava tendo a maior dificuldade em acreditar que valia a pena fazer qualquer coisa".

Em estados de consciência mais desenvolvidos, a raiva, diferente do medo, pode ser aproveitada através da afiliação, e posta a seu serviço como uma força poderosa de mudança social. Ao invés da emoção de um único indivíduo que se propõe a agir, ela se torna um grito de batalha do movimento. Martin Luther King Jr. viu numa verdade fundamental, e sagrada do sucesso de W. E. B. Du Bois como líder dos movimentos pelos direitos civis e pela paz: "A história mostrou a ele que não basta as pessoas sentirem raiva - a tarefa suprema é organizar e unir as pessoas para que sua raiva se torne uma força a transformadora".



[voltar](#)



[próxima páq. \[2/6\]](#)